

Soares, Marcelo Pacheco

O fantástico, uma vez mais

Études romanes de Brno. 2019, vol. 40, iss. 2, pp. 7-12

ISSN 1803-7399 (print); ISSN 2336-4416 (online)

Stable URL (DOI): <https://doi.org/10.5817/ERB2019-2-1>

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/141587>

License: [CC BY-SA 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)

Access Date: 28. 11. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.



DOSSIER
THÉMATIQUE

**Novos olhares sobre
o fantástico em português**

Coordenadores:

Marcelo Pacheco Soares / Silvie Špánková

O fantástico, uma vez mais

The fantastic again

MARCELO PACHECO SOARES [marcelo.soares@ifrj.edu.br]¹
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Brasil

Entre os temas que figuram com assiduidade nas diversas propostas de revistas acadêmicas de estudos literários, não resta dúvida de que a literatura fantástica, seja em abordagens mais amplas, seja sob uma ótica mais específica, comparece com relativa frequência. Não se trata, todavia, de, por assim dizer, um modismo acadêmico; o largo tempo de permanência nos palcos das discussões demonstra o contrário. Justifica a reiterada escolha e essa inabalável presença não apenas o fantástico, cuja produção do século XIX foi consolidada como gênero (ainda que tenha essa sua pretensa condição contestada por considerável parte da crítica), manter vitalidade até os dias atuais, embora algumas vezes tenhamos visto seu fim ser apregoadado. Também as pesquisas sobre o assunto evoluem com tal celeridade e ramificam-se em tantas vertentes teóricas que tais espaços, como o que aqui disponibilizamos agora, mostram-se pertinentes e, com certeza, ainda insuficientes.

O dossiê deste volume 40.2 de *Études Romanes de Brno*, “Novos Olhares sobre o Fantástico em Português”, organizado pela sua co-editora Professora Doutora Silvie Špánková e, a seu gentil convite, por mim, instala mais um desses fóruns. Abraçamos, desde a sua idealização, o intuito de trazer, acerca das manifestações da literatura fantástica em língua portuguesa, abordagens ensaísticas variadas. O tema é propício a esse exercício. Como dizíamos, as pesquisas que o tornam objeto de investigação, produzidas em larga escala especialmente desde meados do último século, nem sempre alcançam consensos, de modo que o fantástico parece legar à sua teoria (ou suas teorias) incertezas semelhantes aos próprios enredos de suas narrativas. Nos artigos reunidos nessas páginas, refletindo nosso desígnio inicial, verificamos uma relativa diversidade espaço-temporal das obras estudadas — figuraram no *corpus* de análise autores do século XIX à contemporaneidade de Brasil, Portugal e Moçambique, ainda que com a prevalência do primeiro. Ademais, observamos uma variada origem dos pesquisadores autores dos artigos, com vínculos a universidades diversas e igualmente múltipla bibliografia teórica, o que reflete um fértil diálogo entre distintas escolas de pesquisa, objetivo afinal que todo dossiê acadêmico deve manter em seu horizonte.

1 Professor de Literatura e Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, conduz, desde o Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisas a respeito de contos fantásticos portugueses dos séculos XX e XXI, com ênfase nas obras de José Saramago, Jorge de Sena, Maria Isabel Barreno, Teresa Veiga e Maria João Cantinho.

Ainda quanto à questão bibliográfica, cabe apontar a presença da difundida obra de Tzvetan Todorov, *Introdução à Literatura Fantástica*, de 1970, na maioria dos artigos por nós reunidos, seja para tomá-lo como pressuposto teórico, seja para dilatar discordâncias acerca de suas definições. Tal persistência não é uma singularidade nossa. Talvez as ideias todorovianas tenham, como facilmente verificamos, se difundido de modo global em razão de opções editoriais que levaram o livro a ser vastamente traduzido para várias línguas, por conta do prestígio acadêmico de que o seu autor já gozava à época do seu lançamento; ou, por outro lado, talvez as diferenças em relação à sua tese, que foram gradativamente se acumulando em vindouras propostas teóricas sobre o fantástico, advenham das críticas que o próprio estruturalismo, que norteia Todorov, passou a sofrer nos meios acadêmicos que optaram por desviar suas opções metodológicas para caminhos que se convencionaram reconhecer como pós-estruturalistas: mas, a despeito de tais hipóteses, o fato é que sua presença quase constante nas bibliografias dos estudos do fantástico ficam a demonstrar que, em geral, ao se tratar do tema, escreve-se com Todorov ou contra Todorov, mas raramente sem ele. O Professor Tzvetan Todorov partiu do mundo visível para o invisível, alcançando quem sabe o real espaço do fantástico, em 2017; então, esse dossiê, ainda em tempo, é também, registremos, oportunidade para lhe render merecida homenagem.

Outro autor que faz jus a destaque é Sigmund Freud, que, por via de seus estudos psicanalíticos que certamente não guardavam tais pretensões, impulsiona de certo modo a crítica sobre o fantástico ao analisar o conto de E. T. A. Hoffmann “O homem da areia”, no conhecido ensaio “*Das unheimliche*”. Traduzido por muitos anos em português como “O estranho”, título a que mais recentemente se preferiu “O inquietante”, o artigo, nesse ano de 2019, ganhou no Brasil também a proposta de tradução “O infamiliar”, que Ernani Chaves e Pedro Tavares utilizaram, por sugestão do germanista Romero Freitas, em publicação bilíngue do texto organizada pela Editora Autêntica para celebrar os cem anos de sua publicação original, em 1919. A redonda data pode ser considerada também o centenário da própria pesquisa da literatura fantástica propriamente dita, ainda que na década anterior o psicanalista Ernst Jentsch já tivesse enveredado pelo mesmo caminho e proposto o termo *unheimliche*, incluindo leitura ainda muito superficial do mesmo conto de Hoffmann (Freud na verdade aprofunda precisamente essa sua pesquisa), e embora no século anterior autores como Charles Nodier e Guy de Maupassant, ao refletirem sobre a poética que produziam, já tivessem tornado públicas reflexões ao seu respeito — todos sem o impacto freudiano, porém, e sem maiores consequências, portanto. As considerações de Sigmund Freud, pelo contrário, estabelecem-se como farol para muitos dos estudos que lhe sobrevieram, mesmo que, novamente, por vezes, pelo viés da ruptura — Todorov mesmo o resgata, mas se cerca de justas precauções advindas das limitações de estudos psicanalíticos compreenderem o fenômeno literário em toda a sua dimensão.

Além de professor franco-búlgaro e do psicanalista alemão, são dignas de nota as presenças nos artigos aqui compilados das pesquisas desenvolvidas por Irlemar Chiampi sobre o realismo maravilhoso, Nelly Novaes Coelho acerca dos contos de fadas e, ainda, as reflexões sobre o fantástico de Louis Vax, Ana María Barrenechea, Eric Rabkin, Rosemary Jackson, Jaime Alazraki, Ana González Salvador, Jean-Luc Steimetz, Filipe Furtado, Selma Calasans Rodrigues, Charles Grivel, Denis Mellier, Alain Chareyre-Méjan, Arnaud Huftier, David Roas, Michel Vignes, entre outros, alguns desses a surgirem justamente na contramão de Todorov, ou, ao menos, para não sermos tão radicais, em um caminho algo perpendicular a ele.

Abrimos a sequência de artigos com o texto “Estratégias do fantástico em Sheridan Le Fanu, Lygia Fagundes Telles e Rui Herbon”, escrito por Maria João Simões, fundamental expoente na atualidade dos estudos sobre o fantástico em Portugal. Com uma proposta comparativa entre as contísticas dos autores citados no título — e de fato o conto é reconhecidamente uma forma cara às ficções dessa natureza, tanto que as narrativas curtas são o objeto de análise da maioria dos presentes artigos — Simões lança luz sobre os vários modos de manifestação do fantástico e as suas estratégias de sedução do leitor. A partir da motivação inicial de ler contos do escritor oitocentista irlandês Le Fanu, cuja produção encontra-se nas gêneses do fantástico (segundo concebido pelas críticas mais tradicionais), e do ainda jovem autor português da atualidade Herbon, passando pela obra de Fagundes Telles, a quase centenária escritora brasileira que escreve desde os anos de 1930, a ensaísta, entre idas e vindas que potencializam o efeito do procedimento, permite-se assim transitar não somente pela história do fantástico mas também pela história de sua crítica, construindo um rico documento, incontornável para os estudos do tema.

Voltando aos 1800 e ali pousando, encontramos um conto daquele que possivelmente é o mais importante escritor brasileiro, analisado no artigo de Fábio Waki “O medo *en abîme*: o fantástico à luz do realismo no conto ‘Sem Olhos’ de Machado de Assis”. Waki, trazendo Freud como pressuposto teórico, demonstra de que modo Machado agencia nessa sua narrativa, a partir de uma estrutura à época já internacionalmente difundida dos contos de horror, uma perspectiva crítica — nunca ausente em sua obra — acerca da sociedade de seu tempo. Desse modo, aliás, podemos dizer que o autor antecipa, conforme fizera também em outros aspectos de sua original produção literária, uma característica do fantástico que se consolidaria especialmente em obras do século seguinte, as quais aliariam a narrativas do sobrenatural leituras do mundo factual, com críticas políticas e sociais — e, como ocorrerá nesses casos novecentistas, já também no texto machadiano cabe preferencialmente ao real e não necessariamente ao sobrenatural o papel de criar o horror, segundo demonstra Waki referindo-se ao medo das violências possíveis da sociedade que suplanta o temor de figuras fantasmáticas.

Virando ao século seguinte, chegamos ao artigo “‘Contos de amigo’, de Lima Barreto, ou o poder do rosto”, em que Šárka Grauová resgata narrativas não-canônicas do escritor brasileiro do primeiro quartel dos anos 1900. Em seu trabalho, a ensaísta apresenta quatro contos cuja importância para os estudos do autor não reside apenas no fato de se tratar de um *corpus*, até agora, de pouca visibilidade na obra de Lima Barreto. Sua pertinência advém também da circunstância de se verificar nesses textos precisamente incursões suas, menos usuais, pela esfera do fantástico. Estão evadidos de uma melancolia sugerida por atmosfera que lembra a dos contos do seu contemporâneo Mário de Sá-Carneiro e que nasce certamente do testemunho de Barreto de individuais e coletivas frustrações no contexto familiar e no do Brasil da época — uma República ainda recém-proclamada, nitidamente incipiente nos seus fins de trazer progresso para todos. Em tais narrativas, observa Grauová, uma vez mais se identifica o fantástico como lente para a observação, a análise, a denúncia da realidade, com destaque para as questões raciais em que o escritor, negro e vítima de racismo em várias ocasiões, além de testemunha de sofrimento idêntico de outros, sempre se empenhou.

O artigo “Morte, celebração e sátira: sentido de humor e crítica social em ‘O defunto inaugural: relato de um fantasma’, de Aníbal Machado”, escrito por Diana Gomes Simões, analisa conto que o autor brasileiro publicou na década de 1960. Novamente, o fantástico surge como fértil opção



para problematizar a realidade, uma vez que o motivo do narrador-defunto, difundido na literatura brasileira desde as canônicas *Memórias póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, é um mote sobrenatural que liberta o personagem, em seu relato, de amarras sociais que o impediriam de se manifestar com franqueza. Além disso, nessa narrativa, o episódio que leva à escolha de um defunto entre tantos à vaga em um cemitério de uma pequena cidade pode remeter às poucas oportunidades destinadas a classes sociais mais baixas — e, na antípoda de Brás Cubas, representante da elite do Rio de Janeiro, aqui realmente o narrador-defunto é um pobre tropeiro esquecido pela sociedade em vida, embora ironicamente valioso após ela, em função da conservação do seu corpo em comparação a outros, mais putrefados. Gomes Simões analisa o conto sob uma sólida bibliografia acerca do fenômeno da morte e suas significações sociais e, mais notadamente, suas possibilidades artísticas e literárias, de modo a demonstrar que a ambivalência entre vida e morte nessa narrativa de Aníbal Machado encaminharia para uma demonstração da efemeridade dos poderes estabelecidos no mundo dos vivos.

Em “O inverossímil como parte do cotidiano mágico no universo infantil: uma análise da obra *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga”, Valdirene Rosa da Silva Melo e Saulo Cunha de Serpa Brandão procuram na literatura infanto-juvenil brasileira dos anos de 1970 a aproximação com o maravilhoso. No romance em análise, em mais uma demonstração da competência das narrativas calcadas nos eventos extraordinários para discutir a realidade empírica, Silva Melo e Serpa Brandão verificam uma problematização da sociedade brasileira do período da ditadura militar que vigorou no país de 1964 a 1985, a qual se pautou sempre em uma organização fortemente patriarcal e conservadora. A menina que protagoniza o romance guarda na bolsa amarela que leva consigo três desejos que nada mais são do que caminhos para a liberdade: as vontades de crescer, de ser menino e de escrever. Este terceiro elemento é significativo em um contexto de censura em que as literaturas infantil e infanto-juvenil foram precisamente um alternativo caminho de produção intelectual que permitisse que ideias driblassem os censores de um Estado autoritário. E, se a protagonista do romance empreende uma bem-sucedida jornada de aprendizagem, reconhecendo o seu lugar no mundo, ela representa uma metonímia utópica de um projeto de sociedade diferente do imposto naquele tempo pelas forças conservadoras que comandavam o país.

Em “Os Elementos do Fantástico na Moderna Ficção Moçambicana: *Ualalapi* de Ungulani Ba Ka Khosa”, Kristína Ceferová analisa romance dos anos 1980 do escritor moçambicano. Partindo de uma concepção literária de resgate dos valores tradicionais de Moçambique em enfrentamento à da cultura do colonizador, Ba Ka Khosa circula pelo que Ceferová aponta ser reconhecido como um realismo animista, configuração oriunda dos diferentes conceitos de mundo formados nos universos filosóficos da África e da Europa. Aqui, a quebra do racionalismo europeu é fomentada pelo entendimento africano de que um mundo invisível atua efetivamente no visível, em uma concepção de realidade em que se vislumbra a coexistência dessas duas esferas. No romance, que coteja a história de Nhungunhane, o último imperador de Gaza no século XIX, em função de duas variantes — os discursos oficiais e os relatos orais da tradição — representa-se exatamente essa destruição dos valores tradicionais de Moçambique pela colonização portuguesa em vias de se consolidar. Na contramão, a discussão desse tema no contexto de sua publicação, pós-colonial (ou, se quisermos, de decolonização), impõem-se como reforço da construção da moçambicanidade que urge para solidificar a identidade de um espaço que se resgata.

Em “O *unheimliche* contemporâneo: Gonçalo M. Tavares e a epopeia”, Evelyn Blaut Fernandes trata do romance *Uma viagem à Índia*, do premiado escritor português deste século, narrativa estruturada em poemas para forjar a ideia (a ser problematizada pela leitura) de que emula *Os Lusíadas* camonianos, mas que espelha ainda toda a erudição do seu autor em possíveis referências a James Joyce, Homero, Franz Kafka e Fernando Pessoa, como aponta a ensaísta, e também, arriscaríamos acrescentar, a Italo Calvino e suas *idades invisíveis* e Herberto Helder e seus *passos em volta*, para citar apenas alguns. Essa obra de 2010, colecionadora de um sem número de análises críticas em quase uma década, recebe aqui um olhar que lhe privilegia o estranho, o inquietante, o infamiliar (seja qual for a melhor tradução antes apresentada que se queira para o termo), enfim, o *unheimliche* de Freud que citávamos acima, difundido há um século em leitura da narrativa fantástica de Hoffmann. O artigo que agora se publica é, antes de tudo, uma experiência-leitora de Blaut Fernandes, que, elegendo os versos da prosa tavariana que mais bem constroem sua visão sobre o texto, conduz-nos ao seu entendimento acerca do personagem central, herói dessa, em suas palavras, (contra)epopeia.

Por fim, escrito por Jayme Soares Chaves, “Ficção científica retrofuturista e fantasismo brasileiro” é um abrangente ensaio que percorre, na forma de um grande mosaico, a literatura brasileira fantástica, notadamente a que se enquadraria sob a égide da ficção científica, desde o último quartel do século XIX (com a evidente influência do francês Júlio Verne) até a atualidade, tempo para o qual é proposta a absolutamente recente nomenclatura de fantasismo (cunhada por Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Tavares em 2018) para abrigar as obras do gênero produzidas a partir do ano 2000 no Brasil, proposta de identificação de um novo estilo literário. O ensaísta traça diferenças entre a ficção científica europeia e americana e a brasileira: aponta, por exemplo, que a preferência por personagens que antes observam do que agem nas narrativas é sintoma de um país que, na virada do século XIX para o XX, não apresenta políticas públicas que criem condições para a produção de inovações tecnológicas e desenvolvimento científico e, portanto, limita-se a contemplar tais avanços no exterior. Trabalhando com uma larga gama de nomenclaturas — como, por exemplo, além das citadas, o steampunk, a uchronia, a mitopoética, o wishfulthinking e o crossover — Soares Chaves traça um inovador caminho para a crítica do fantástico brasileiro, costurando literatura canônica e popular ao sugerir libertá-las de seus limitadores espaços de circulação.

No conjunto desses oito artigos, verificamos então o fantástico capaz de, no percurso de suas narrativas calcadas supostamente no irreal, antes se aproximar do que fugir da realidade empírica, denunciando violências urbanas, preconceitos raciais, governos autoritários, sociedades patriarcais, desigualdades socioeconômicas, abusos de poderes, colonização de identidades ou incompetências estatais. De fato, constatamos assim que o fantástico não é de modo algum uma alienação, mas antes um poderoso instrumento de transformação da realidade, como bem constatou Ana María Barrenechea no encerramento do seu artigo de 1972 “Ensayo de una tipología de la literatura fantástica”, ao verificar que

los preocupados por problemas sociales, tan acuciantes en nuestra época, acusan de escapista a esta literatura y anuncian su desaparición por obsoleta, por no reflejar los problemas humanos más urgentes, por ser un arte burgués. A ellos habría que recordarles que los teóricos del marxismo no rechazaron por ese motivo a lo fantástico. [...] Esta posición o la de un Julio Cortázar que cifra la



función revolucionaria del artista en revolucionar el ámbito de las formas o la de un Umberto Eco que asigna ese poder revolucionario a la destrucción y creación de nuevos lenguajes, abren también al género otras posibilidades bajo el signo de lo social, siempre que lo fantástico sea una puesta en cuestión de un orden viejo que debe cambiar urgentemente.²

Ora, o desafio de descodificar a narrativa fantástica intriga o leitor e o alicia a descodificar também o mundo mimético — *a velha ordem* — que essa narrativa estrategicamente transforma para, de certa maneira muito particular, imbuir-se de *poder revolucionário* para uma discussão capaz de *questioná-lo* e representá-lo tal qual ele é ou pode ser, no seu *câmbio* tão *urgentemente* desejado.

Desse modo, pesquisar a seu respeito é colaborar com o engajamento inegável dessa literatura. Ambicionemos, por isso, que o espaço que encontramos aqui continue a se abrir em outras publicações, para que possamos investigar sempre, uma vez mais, o fantástico.

2 Barrenechea, A. M. (1972). Ensayo de una tipología de la literatura fantástica. *Revista Iberoamericana*, 80, 391–403.



This work can be used in accordance with the Creative Commons BY-SA 4.0 International license terms and conditions (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/legalcode>). This does not apply to works or elements (such as images or photographs) that are used in the work under a contractual license or exception or limitation to relevant rights.